

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

APONTAMENTOS SOBRE A “CONEXÃO RENASCENTISTA” ENTRE O MEDIEVO E O DESVIO PARA A MODERNIDADE

NOTES ON THE “RENASCENTIST CONNECTION” BETWEEN THE MEDIEVO AND THE DEVIATION TO MODERNITY

CHRISTIANO CARVALHO DIAS BELLO

Mestrando em Filosofia do Direito e Teoria do Estado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2020). Advogado.

RESUMO

O renascimento pode ser visto como um momento de grandes descobertas humanas, impulsionadas por o que se pode chamar de “descoberta das descobertas”, que seria aquela do Novo Mundo – de “nosso” Mundo, portanto. Novo mundo, homem novo: eis o tema principal da época, o humanismo. Humanistas eram chamados no renascimento os sábios e estudiosos que, mais do que voltados para a Antiguidade clássica, estavam mesmo era preocupados e ocupados com uma ampla reforma do homem, por meio da instalação de uma nova escala de valores, que desse ao homem a dignidade que lhe era de direito. Dignidade humana, direito à dignidade, são as expressões-chave que até hoje ressoam, e voltaram a ressoar mais forte, após o cataclismo das duas grandes guerras, ditas mundiais, do século XX quando ressurgem humanismos das mais diversas proveniências e decidida afirmação da dignidade humana. O discurso sobre a dignidade humana remonta ao período renascentista tendo na figura do italiano GIOVANNI PICO DELLA MIRANDOLA o seu elaborador pioneiro e mais consagrado. Para ele, a criatura humana é divina, porque participa da divindade (a *unio mystica*, que na renascença assume também um caráter alquímico) e é natural, porque participa da natureza, a quem ama, assim como é amada por Deus. A liberdade humana é o que, acima de tudo, torna os humanos

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

dignos de respeito e até de adoração. O estudo resgata em linhas gerais o pensamento deste e de outros da época, a fim de favorecer a compreensão da “conexão renascentista” entre o medievo e o seu desvio para a modernidade, ainda em vias de ser retificado, em tempos de tantas agressões à natureza e aos portadores da dignidade humana.

PALAVRAS-CHAVE: Renascimento; Modernidade; Humanismo; Dignidade Humana.

ABSTRACT

The Renaissance can be seen as a time of great human discoveries, driven by what can be called the "discovery of discoveries", which would be that of the New World - "our" World, therefore. New world, new man: this is the main theme of the time, there is to say, the humanism. Humanists were called in the Renaissance to be the sages and scholars who, more than turned toward classical antiquity, were even concerned and occupied with a wide reform of man, through the installation of a new scale of values, which would give man the dignity that was his by right of birth. Human dignity, right to dignity, are the key expressions that still resonate, and have resonated even more strongly, after the cataclysm of the two great wars, said to be world-wide, of the 20th century, when humanisms of the most diverse origins reappeared among with a decided affirmation of dignity human. The discourse on human dignity dates back to the Renaissance period, with the figure of the Italian GIOVANNI PICO DELLA MIRANDOLA as its pioneer and most acclaimed creator. For him, the human creature is divine, because it participates in divinity (unio mystica, which in the Renaissance also assumes an alchemical character) and it is natural, because it participates in nature, which is loved by him, as well as God. Human freedom is what, above all, makes humans worthy of respect and even worship. The following study broadly rescues the thinking of this and others of the time, in order to favor the understanding of the “Renaissance connection” between the medieval period and its deviation towards modernity, still in the process of being rectified, in times of so many aggressions against nature and the bearers of human dignity.

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

KEYWORDS: Renaissance; Modernity; Humanism; Human Dignity.

1 INTRODUÇÃO

Com o Renascimento se inicia um período de exaltação do homem, tanto que se chamará de “humanistas” os que dele participem, retomando uma expressão ciceroniana, pois por eles o ser humano é posto no centro do universo – donde se falar também em “antropocentrismo” (do grego *anthropos*, “homem”) -, sendo ele próprio considerado um microcosmo, um “pequeno universo”. Ainda, é certo, que um microcosmo no macrocosmo, ou seja, um universo particular que reflete o universo como um todo. Essa é a ideia condutora da obra de um dos mais famosos renascentistas, modelo de gênio universal (*uomo universale*), LEONARDO DA VINCI (1452 – 1519), que a retratou em uma de suas mais célebres gravuras, o “Estudo da proporção humana à maneira de Vitruvius”.

Apesar de na época se reivindicar um retorno do que havia na Antiguidade Greco-Romana, antes do período de “trevas” medieval, o que se fazia era mais reinterpretar o pensamento antigo em bases novas, que foram fornecidas pela própria teologia cristã. Em toda a Antiguidade Greco-Romana predominava uma visão “cosmocêntrica”, objetiva, em que o homem até poderia ser dito a medida de todas as coisas, como o fez o sofista PROTÁGORAS (483 – 410 a.C.), mas essa era uma afirmação gnosiologia, ou seja, de teoria do conhecimento (*gnose*, em grego), a expressar o que se denomina relativismo, quanto a saber o que é verdade, ao que PROTÁGORAS, como que falando em nome de todos os sofistas, respondia: depende do ponto de vista de quem examina a questão. É justamente isso que será combatido por SÓCRATES, fundando assim a filosofia propriamente dita, enquanto busca da verdade, ou do conceito (*idea*, em grego) verdadeiro, tanto em questões de física, como de política, aí incluídas aquelas jurídicas. E para buscar essa verdade ou conceito verdadeiro desenvolveu o seu método de investigação dialética ou dialógico, “dialogal”, donde resultará a formalização da lógica em Aristóteles.

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

Sendo assim, em termos filosóficos, a afirmação de PROTÁGORAS não era ontológica, ou seja, não afirmava que o ente (*ontos*, em grego) humano era o centro de tudo, como farão os renascentistas. O que vai lhes permitir fazer isso é justamente o período que lhes antecede, de teocentrismo medieval, onde o Deus (*teos*, em grego) que é posto no centro de tudo, o Deus cristão, encarnou humanamente, veio à Terra como seu filho, que era Ele mesmo, JESUS CRISTO, para dizer que somos todos irmãos, igualmente humanos, e morreu condenado à punição com que na época se castigava escravos rebeldes, crucificado. E a maior prova de que não havia o humanismo universal na antiguidade clássica é a aceitação generalizada da escravidão, mesmo por pensadores como ARISTÓTELES, o “pai da ética”.

De resto, temos que na teologia de DUNS SCOTUS, radicalizada politicamente naquela de GUILHERME DE OCKHAM, se enfatiza o papel da vontade soberana de Deus, faculdade que nos seres humanos também seria enfatizada por eles como nunca até então, do que resulta numa afirmação também da liberdade, tanto de Deus como do homem, feito à Sua imagem e semelhança, conforme o relato bíblico, aceito pelo cristão como verdade inconteste.¹

O renascimento, todavia, pode ser visto como um momento de grandes descobertas humanas, impulsionadas por o que se pode chamar de “descoberta das descobertas”, que seria aquela do Novo Mundo – de “nosso” Mundo, portanto. Novo mundo, homem novo: eis o tema principal da época, o humanismo. Humanistas eram chamados no renascimento os sábios e estudiosos que, mais do que voltados para a Antiguidade clássica, estavam mesmo era preocupados e ocupados com uma ampla reforma do homem, por meio da instalação de uma nova escala de valores, que desse ao homem a dignidade que lhe era de direito. Dignidade humana, direito à dignidade, são as expressões-chave que até hoje ressoam, e voltaram a ressoar mais forte, após o cataclismo das duas grandes guerras, ditas mundiais, do século XX quando

¹ Cf. GUERRA FILHO, Willis Santiago. “Epistemologia e Jusfilosofia em Guilherme de Ockham”. In: Repensando o Direito. Estudos em Homenagem ao Prof. Cláudio De Cicco. São Paulo: RT, 2010. V. tb. FILGUEIRAS FERREIRA, Danilo. “Guilherme de Ockham e a invenção do indivíduo: bases para um entendimento do nominalismo ockhamista”, Revista eletrônica Sapere Aude, vol. 10, 2014. Disponível em <http://www.revistasapereaude.org/index.php/edicoes/anos-anteriores/ano-2-vol-1-12/ano-2-volume-10-maio-2014/send/69-05-2014-ano-2-volume-10/106-guilherme-de-ockham-e-a-invencao-do-individuo-bases-para-um-entendimento-do-nominalismo-ockhamista>.

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

ressurgem humanismos das mais diversas proveniências: cristã, comunista, liberal, anarquista etc. – havendo também os assim chamados anti-humanistas, como MARTIN HEIDEGGER, MICHEL FOUCAULT e NIKLAS LUHMANN, ou ainda o marxista, como este último igualmente influenciado pelo estruturalismo LOUIS ALTHUSER.²

Importante assinalar, desde logo, é que devemos nos guardar, ficar em guarda, diante de qualquer proposta humanista que valorize o homem como uma abstração, uma generalidade, e a humanidade como um “universal”, nos termos da querela medieval. Nisso temos ainda que nos reportar a OCKHAM, que destacava em cada ente, inclusive – ou, se não, principalmente – os humanos, em sua singularidade e concretude, ou seja, como pessoa, que nada justifica ser rebaixada em sua dignidade.

Um bispo alemão, nascido em Trier (Trieste), que chegou ao cardinalato (em 1448), NICOLAU DE CUSA (1401 – 1464), é por muitos considerado o principal filósofo do século XV. De formação teológico-filosófica (em Heidelberg) e jurídica (em Pádua), engajou-se em prol de uma reforma religiosa, que atribuiria maiores poderes aos conselhos episcopais, entrando por isso em conflito com Segismundo, duque do Tirol, o que levou ao seu encarceramento por muitos anos. Em sua obra mais conhecida e também mais representativa de seu pensamento, já no título, *De docta ignorantia* (isto é, a douta ignorância ou a ignorância sábia, informada), de 1440, indica o seu gosto pelo paradoxo, sendo o conhecimento uma busca do que ele chamou *coincidentia oppositorum*, a coincidência (ou convergência) entre os opostos, a unidade entre os contrário, sendo a maior de todas e mais perfeita o próprio Deus, onde está a verdade, pela superação (dialética) de toda contradição, mas que por mais que nos esforcemos – e devemos nos esforçar ao máximo – jamais compreenderemos plenamente. Deus é, portanto, possibilidade pura, a possibilidade de todas as coisas e também a sua realidade, e está para além de qualquer relação,

² Cf. DUARTE, André. “Heidegger e Foucault, críticos da modernidade: humanismo, técnica e biopolítica”. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 29(2): 95-114, 2006. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/trans/v29n2/v29n2a08>; SILVA, Lucas Trindade; PARANÁ, Edemilson; PIMENTA, Alexandre Marinho. “A atualidade do anti-humanismo teórico: Luhmann e Althusser frente à problemática da diferenciação/integração social”, *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, vol. 22, n. 1, 2017. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/31941>.

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

é incomensurável, motivo pelo qual nunca pode ser devidamente conhecido, pois conhecer, para o Cusano, é estabelecer uma relação, uma proporção, entre o que se sabe e o que se deseja saber, e o infinito, por absoluto, ao anular toda diferença entre máximo e mínimo, escapa a qualquer tentativa de ser colocado em proporção, em relação, como um polígono dentro de um círculo, que por mais que se expanda, não coincidirá plenamente com a circunferência (embora possa parecer que sim, donde surge a ilusão da sabedoria). A matemática, por meio da qual melhor se exprime as proporções, é indicada para ser a base dos conhecimentos humanos, desde que não nos contentemos nunca com o que com ela aprendemos, pois o que buscamos é sempre maior que tudo, na medida em que é o próprio Deus.

A seguinte passagem da obra citada de nosso Autor nos parece merecer transcrição, pelo que encerra de antecipação da concepção moderna de conhecimento, voltado para o progresso, ao mesmo tempo em que indica um objetivo de todo diverso daquele material, materialista, por voltado para o aperfeiçoamento infinito do ser humano, pela realização das suas potencialidades inesgotáveis, reconhecendo que sempre ainda será menos que Deus:

(...) Deus, transcendendo o poder ser feito, é o que pode ser feito antes de tudo. E não existe nada que possa ser feito de mais perfeito que Ele não preceda. Ele é, portanto, tudo aquilo que todo perfectível e todo perfeito pode ser. Logo, é aquele perfeito que é também a perfeição de todos os perfeitos e de todos os perfectíveis. O intelecto alegra-se em possuir este alimento inesgotável de perfeição, com o qual pode nutrir-se de modo imortal e perpétuo, viver de modo deleitável, progredir sempre em sabedoria e poder crescer e melhorar a si mesmo. Assim, quem considera que o seu tesouro é infinito, inumerável, incompreensível e inesgotável, frui mais do que quem o considera finito, numerável, compreensível (...).³

O discurso sobre a dignidade humana no período renascentista tem na figura do italiano GIOVANNI PICO DELLA MIRANDOLA (1463 – 1494), nascido, como indica o nome, na cidadezinha situada entre Verona e Módena, o seu elaborador pioneiro e mais consagrado. Para ele, a criatura humana é divina, porque participa da divindade (a *unio mystica*, que na renascença assume também um caráter alquímico) e é natural,

³ Cf. LYRA, Sonia Regina. Nicolau de Cusa: Visão de Deus e Teoria do Conhecimento. Doutorado em Ciências da Religião, São Paulo: PUCSP, 2010, p. 130 ss.

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

porque participa da natureza, a quem ama, assim como é amada por Deus. A liberdade humana é o que, acima de tudo, torna os humanos dignos de respeito e até de adoração. O momento culminante de sua curta vida foi durante o congresso em Roma, convocado pelo Papa Alexandre VI, intentando uma conciliação entre as três religiões “do livro” ou “reveladas”, a saber, o judaísmo o islamismo e o cristianismo, com representantes de todas elas. PICO, valendo-se de uma memória que o fez célebre já entre os seus contemporâneos, assim como seu conhecimento de línguas, hebraica, árabe, caldeia, além, claro, do grego e do latim, elaborou novecentas teses para apresentar no congresso, baseadas em fontes as mais diversas, não só filosóficas, mas também cabalísticas e mágicas, com destaque para o lendário HERMES TRISMEGISTO – elaborações que mereceu reabilitação contemporânea por parte de um epistemólogo de fundamental importância, como foi GASTON BACHELARD.⁴

O congresso foi proibido, por suspeita de que algumas dessas teses fossem heréticas. Apesar da defesa, a *Apologia* (1487), que elaborou, e das *Conclusões*, em que desenvolvia melhor as teses incriminadas, foi ordenada a prisão do seu Autor, que dela só escapou por intervenção direta de LOURENÇO DE MÉDICI, o Magnífico, irmão do Papa. Em síntese, como expõe em seu escrito mais famoso, “Sobre a Dignidade Humana” (*De hominis dignitate* –1486), para PICO o homem é como um camaleão, uma “metamorfose ambulante”, como cantará o nosso RAUL SEIXAS em um de seus maiores sucessos, ecoando NIETZSCHE, pois quando o homem foi criado Deus já havia distribuído todas as qualidades às demais criaturas, reservando então para o ser criado à Sua imagem e semelhança um pouco de todas as qualidades, sem nenhuma que lhe fosse específica, sendo essa a sua especificidade: poder tornar-se qualquer coisa que se proponha a ser, no exercício de sua liberdade – e dignidade.

⁴ ROCHA, Gabriel Kafure da. “A filosofia da Astrologia: Uma investigação entre Pico della Mirandola e Bachelard”. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental da universidade Federal do Rio Grande (FURG), v. 33, n.1, p. 95-111, jan./abr., 2016.

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

Um autor que exerceu grande influência sobre PICO DELLA MIRANDOLA e sobre o movimento renascentista de um modo geral foi MARCÍLIO FICINO (1443 – 1499).⁵

Isso porque CÓSIMO DE MÉDICI, dito o Velho, encomendou a ele a tradução dos *Diálogos* de PLATÃO, que na época só eram conhecidos, de um modo geral, por meio de uma tradição oral, que vinha da Idade Média. Para tanto, forneceu-lhe uma vila, perto de Florença, que logo se tornou uma nova Academia platônica – ou neoplatônica -, da qual participa nosso PICO, onde além de traduzidos e discutidos os livros de PLATÃO, também o foram os de neoplatônicos, como PORFÍRIO, PROCLOS E PLOTINO (205 – 270), além de teólogos como DIONÍSIO AREOPAGITA (ou pseudo Dionísio) - para quem de Deus só se podia dizer o que ele não é (teologia apofática ou negativa), jamais o que Ele é -, e também livros esotéricos, como os de figuras míticas. A exemplo do egípcio Hermes Trimegistro e o grego Orfeu (? séc. VII), além de mitólogos gregos, como HESÍODO. FICINO sintetiza sua concepção sobre a dignidade cósmica do homem, que inicia a ser revelada já antes do cristianismo entre persas, por exemplo, em ZARATHUSTRA, fundador do zoroastrismo, entre egípcios, com o mítico, antes referido, HERMES TRISMEGISTO, assim como na Grécia, em PITÁGORAS, PLATÃO etc., na fórmula *homo copula mundi*, que se traduz como o homem é o termo médio (*copula*, em lógica) do mundo, situado entre animais e anjos, na hierarquia da criação. Daí poder ele, a depender de como exercitará sua liberdade, degradar-se a uma condição sub-humana, animal, ou elevar-se para mais próximo da condição angelical, divina.

Outra figura de destaque no período é o flamengo GEERT GEERTSZ, nome latinizado como Desiderius Erasmus, mais conhecido como ERASMO DE ROTTERDAM (1466 – 1536). Apesar de diplomado em teologia pela Universidade de Turim solicitou dispensa de usar o hábito e celebrar missa. Na verdade, foi sempre um crítico da decadência moral da Igreja renascentista e da corte pontifícia em particular. A sua sarcástica crítica à Igreja do seu tempo, expressa na sua obra mais

⁵ Cf. MASSAÚ Guilherme Camargo. “Dignidade Humana e Marsilio Ficino: a perspectiva do Renascimento”. Revista Direitos Humanos e Democracia, Ijuí: Editora Unijuí, ano 2, n. 3, jan./jun., 2014 Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direito da Unijuí. Disponível em <https://www.revistas.unijuí.edu.br/index.php/direitoshumanosedemocracia>.

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

conhecida, *Elogio da Loucura* (1509), antecipou em meia geração as teses de MARTINHO LUTERO (1483 – 1546), que lançarão o protestantismo, cindindo o cristianismo no Ocidente. No entanto, quando convocado por LUTERO para aderir ao seu movimento, Erasmo optou por uma posição de neutralidade, o que terminou voltando contra ele a ira de ambos os lados, até que escreveu o texto *Sobre o Livre Arbítrio* (1524), defendendo o livre-arbítrio como condição para a responsabilização ética, mesmo que a vontade humana se mostre insuficiente para a salvação, sem a graça de Deus. Esta obra era claramente dirigida contra Lutero, para quem liberdade (interior) e servidão (exterior) coexistiriam na vida do cristão, a ser salvo não só pela fé, mas por suas obras, enquanto resultam da fé em Deus e do amor a CRISTO, a quem servem gratuitamente, sem almejar retribuição, como coloca no texto com que responde a ERASMO, *Do Servo Arbítrio* (1525), onde defende que o livre-arbítrio é somente de Deus, sendo mera presunção do homem querer dele dispor, quando a providência e predestinação divinas já definiu Seus planos para cada um de nós.⁶

Assim como Erasmo verteu a Bíblia do grego para o latim, Lutero a traduziu para alemão, a fim de dar mais amplo acesso à sua leitura, evitando a intermediação que adulteraria as escrituras como única fonte da verdade e da salvação, o que enfatizaram também dois de seus mais destacados seguidores, ainda que sem uma estrita observância, como no caso de ULRICH ZWÍNGLIO (1484 - 1531), o reformador de Zurique, com quem se indispôs, e o já antes aqui referido JOÃO CALVINO (1509 – 1564), francês, introdutor da reforma em Genebra, onde instalou um governo teocrático baseado em seus princípios.

A loucura, para ERASMO, pode ser fonte de regeneração, e a própria escolha de Deus em encarnar em um homem, Jesus Cristo, pode ser vista como uma loucura, assim como a opção deste pela loucura da cruz e por cercar-se de “pobres de espírito”. Pode-se dizer que louca é também a vida dos profetas e uma vida verdadeiramente cristã, e assim como o desejo místico de renunciar ao corpo para viver uma pura espiritualidade pode levar à loucura, embora o abandono do corpo pela mente seja capaz de dar-lhe um desempenho excepcional. Também a prática do ritualismo

⁶ Cf. NASCIMENTO, Sidnei Francisco do. “Erasmo e Lutero: o livre arbítrio da vontade humana”. Revista de Filosofia Aurora, Curitiba: PUCPR, vol. 18, n. 23, 2006. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/8600>.

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

exagerado pode conduzir a uma outra espécie de loucura. A loucura patológica nasce quando o a mente não está mais em sintonia com o corpo. Por fim, tem-se que o sábio parece louco ao ignorante – e vice-versa. Em suma, para definir loucura com precisão, seria necessário poder distingui-la de seu contrário, a razão, mas o que se percebe é que ambas se apresentam sempre, de alguma maneira, misturadas, como se pode notar nos excessos da genialidade, da criatividade artística ou da inspiração poética, para não falar na propalada lucidez dos embriagados, à qual se refere já em nossos dias o francês JEAN-PAUL SARTRE, em seu monumental livro *O Ser e o Nada*, de sua fase existencialista, assim como nosso CHICO BUARQUE, em sua bela canção de protesto *Cálice*, de fins da década de 1970, novamente tão atual, muito lamentavelmente, quando diz “mesmo calada a boca resta a cuca/dos bêbados do centro da cidade”.

Um amigo e discípulo de ERASMO, que se notabilizou como autor de uma das obras mais aclamadas da Renascença, *Utopia*, foi o inglês Sto. TOMÁS MORUS (1478 – 1535). Os princípios que regem essa obra de idealização de um modelo de sociedade são muito simples: basta seguirmos o que seja razoável e as leis naturais básicas, sintonizadas com a razão, para evitarmos os males que nos afligem na vida social. O Estado-ideal de MORUS não possuía distinção de classe, à semelhança do que posteriormente apregoaria KARL MARX, as decisões eram tomadas de maneira democrática, as leis eram em um número mínimo, além de muito fáceis de interpretar, enquanto em tema de religião imperava a tolerância para com qualquer uma de suas formas. A igualdade entre os sexos era renunciada pela convocação de ambos para o serviço militar, e se não havia a liberdade sexual pré-nupcial, um costume dos habitantes de Utopia minoravam o tabu: o de se verem nus antes do casamento. Uma outra questão que lá estava bem resolvida e que para nós ainda é motivo de muito debate é o direito à eutanásia, plenamente aceito. Ao permanecer fiel à fé católica, MORUS foi condenado à morte por Henrique VIII, a quem recusou reconhecer como chefe de uma nova Igreja, anglicana. Em 1935 foi proclamado santo, por Pio XI.⁷

⁷ PHÉLIPPEAU, Marie-Claire. “Thomas Morus e a abertura humanista”, trad. Emerson Tin. MORUS – Utopia e Renascimento, vol. 9, 2013. Este texto se baseia na conferência “Thomas Morus e a abertura humanista”, que foi apresentada no Forum Universitaire de l’Ouest Parisien, em Boulogne-Billancourt em 12 de novembro de 2013, em um ciclo de conferências sobre “O ideal humanista no Renascença”.

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

A obra de MORUS, ironicamente, servirá de protótipo para aquela mais repudiada pela Igreja, ao ponto de tornar o seu nome sinônimo do próprio demo, em inglês, “NICK”. Estamos nos referindo ao florentino NICCOLÒ MACHIAVELLI (1469 – 1527), e à sua obra *O Príncipe* (1513), com a qual se pode considerar iniciada a filosofia política moderna, desvinculada de questões morais e teológicas.⁸ MAQUIAVEL, no célebre cap. XVIII de “*O Príncipe*”, após reconhecer o quanto é louvável que os governantes tenham uma conduta moralmente irrepreensível e cumpram com a palavra empenhada, constata como “em nossos tempos” aqueles que agirem com astúcia superam com facilidade os que agem assim, de boa fé. Em seguida, acrescenta haver duas formas básicas de luta para obter o que se almeja, sendo uma característica dos homens, aquela baseada nas leis, enquanto a outra é própria dos animais, por empregar a força. E se o ideal é que só empregássemos o primeiro método, a realidade mostra que não podemos prescindir do segundo, donde ser necessário que os governantes saibam usar tanto um como o outro.

Ainda entre os renascentistas, temos um autor pouco comentado, do período, o francês ETIENNE DE LA BOÉTIE, que morreu com apenas 33 anos de idade, em 1563. Deixou sonetos, traduções de XENOFONTE e PLUTARCO, mas sua obra mais marcante é o libelo denominado *Discurso sobre a Servidão Voluntária*, pioneiro em louvar a liberdade e denunciar a tirania em termos que o torna precursor dos mais libertários pensadores políticos, obra que também se pode ver como precursora das anti-utopias ou utopias negativas.

O *Discurso* foi publicado após a sua morte, inicialmente em edição clandestina, de 1571, considerando o embaraço que causava a quem toda sua obra ficara como legado, o célebre filósofo MICHEL DE MONTAIGNE (1533 – 1592), seu amigo pessoal que, vendo-se obrigado a se pronunciar a respeito do opúsculo, procurou diminuí-la, tratando-a como “obra juvenil” e “mero exercício intelectual”. MONTAIGNE, segundo consta, teria ficado tão agastado com o incidente, que a partir

Para ouvir a gravação da conferência, ver o site do FUDOP: <http://www.forumuniversitaire.com/Joumela/index.php/les-conferences/la-saison-2013-2014/saison-2013-2014-1ertrimestre/conf-en-ecoute-1er-trim-2013-14>.

⁸ Cf. GUERRA FILHO, Willis S. *et al.*, Teoria Política do Direito, 2ª. ed., São Paulo: RT, 2013, p. 15 e seg.

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

de então passou a levar uma vida reclusa, em seu palácio, em condições idílicas para um epicurista, onde escreveu seus *Ensaíos* – a respeito, adiante, algumas palavras.

Entre os muitos pontos relevantes do *Discurso*, vale ressaltar a ideia principal, de que o poder exercido sobre muitos por um só homem ou um punhado deles, sobre as ordens do primeiro, submetendo outros tantos, e assim por diante, é não só ilegítimo como absurdo, só se mantendo pela colaboração voluntária dos que se acham submetidos, dado o número tão superior deles. Daí sua preferência pela república em detrimento das monarquias, que se utiliza de crenças religiosas e outros expedientes, como os espetáculos e festas populares para manter o povo em estado de servidão. ETIENNE DE LA BOÉTIE afirma no *Discurso* a liberdade e a igualdade de todos os homens na dimensão política, repelindo todas as formas de demagogia. Em suma, o ser humano encontra-se em amarras auto-infligidas por toda a parte. No dizer de MANUEL J. GOMES, tradutor de LA BOÉTIE para o português:⁹

Se em 1600 era tarefa difícil escrever um prefácio a La Boétie, hoje não é mais fácil. Hoje como nos tempos de La Boétie e Montaigne, a alienação é demasiado doce (como um refrigerante) e a liberdade demasiado amarga, porque está demasiado próxima da solidão. E da loucura.

Uma das vigas-mestre da argumentação de LA BOÉTIE é de grande atualidade, pois trata da amizade como instrumento da política. Sigamos o que ele próprio diz a respeito, em sua prosa saborosa.

Está na nossa natureza o deixarmos que os deveres da amizade ocupem boa parte da nossa vida. É justo amarmos a virtude, estimarmos as boas ações, ficarmos gratos aos que fazem o bem, renunciarmos a certas comodidades para melhor honrarmos e favorecermos aqueles a quem amamos e que o merecem. Assim também, quando os habitantes de um país encontram uma personagem notável que dê provas de ter sido previdente a governá-los, arrojado a defendê-los e cuidadoso a guiá-los, passam a obedecer-lhe em tudo e a conceder-lhe certas prerrogativas; é uma prática reprovável, porque vão acabar por afastá-lo da prática do bem e empurrá-lo para o mal. Mas em tais casos julga-se que poderá vir sempre bem e nunca mal de quem um dia nos fez bem. (...)

A verdade é que o tirano nunca é amado nem ama. A amizade é uma palavra sagrada, é uma coisa santa e só pode existir entre pessoas de bem, só se mantém quando há estima mútua; conserva-se não tanto pelos benefícios

⁹ Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/boetie.html>.

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

quanto por uma vida de bondade. O que dá ao amigo a certeza de contar com o amigo é o conhecimento que tem da sua integridade, a forma como corresponde à sua amizade, o seu bom feitio, a fé e a constância. Não cabe amizade onde há crueldade, onde há deslealdade, onde há injustiça. Quando os maus se reúnem, fazem-no para conspirar, não para travarem amizade. Apoiam-se uns aos outros, mas temem-se reciprocamente. Não são amigos, são cúmplices. Ainda que assim não fosse, havia de ser sempre difícil achar num tirano um amor firme. É que, estando ele acima de todos e não tendo companheiros, situa-se para lá de todas as raias da amizade, a qual tem seu alvo na equidade, não aceita a superioridade, antes quer que todos sejam iguais. Por isso é que entre os ladrões reina a maior confiança, no dividir do que roubaram; todos são pares e companheiros e, se não se amam, temem-se pelo menos uns aos outros e não querem, desunindo-se, tornar-se mais fracos. Quanto ao tirano, nem os próprios favoritos podem ter confiança nele, pois aprenderam por si que ele pode tudo, que não há direitos nem deveres a que esteja obrigado, a sua única lei é a sua vontade, não é companheiro de ninguém, antes é senhor de todos. Quão dignos de piedade, portanto, são aqueles que, perante exemplos tão evidentes, face a um perigo tão iminente, não aprendem com o que outros já sofreram! Esses desgraçados só veem o brilho dos tesouros do tirano e ficam olhando espantados para o fulgor das suas suntuosidades, deslumbrados com tanto esplendor; aproximam-se e não veem que estão a atirar-se para o meio de uma fogueira que não tardará a consumi-los. (...) Que tormento fazer sempre rosto risonho, tendo o coração transido, não poder mostrar-se contente e não se atrever a ser triste! Aprazível é considerar o que eles ganham com tanto tormento, o que podem esperar dos trabalhos que passam e da mísera vida que levam. (...)

Em suma, se o que de melhor se pode almejar nessa vida, pela convivência com os outros, é amar e ser amado, ter vínculos sólidos de amizade, o próprio tirano é um infelicitado por sua tirania, assim como todos os que o cercam, e com a ajuda de quem tiraniza a maioria, pois entre eles nunca haverá semelhante vínculo.

De pronto, no contexto do presente escrito, vale destacar o quanto MONTAIGNE em seus *Essais* contribui para uma concepção menos desfavorável aos então recém-descobertos indígenas americanos, defendendo-os e chegando mesmo a idealizá-los (no ensaio intitulado *Des Cannibales*), iniciando mito que virá, em ROUSSEAU, a se apresentar como o do “bom selvagem”.

Como é sabido, MONTAIGNE não reivindica originalidade no conteúdo, mas no modo como organizou a matéria. Ali, trata da moralidade de maneira descritiva, com a *epoché*, a suspensão do juízo, dos antigos cétricos, a quem tratou de recuperar. Ao mesmo tempo, sua ironia fina denota bem o que pensa sobre os costumes de seus contemporâneos, ávidos, como sempre, de apregoar regras gerais para a conduta de todos, quando para ele isso pressuporia o conhecimento, que considera impossível, da essência do homem, quando o que de melhor podemos conhecer é a nós mesmos,

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

estabelecendo uma sabedoria de vida adequada à nossa medida, a fim de dizer sempre “sim” à vida, aprendendo a aceita-la e amá-la como ela é: *amor fati*, diziam os antigos estoicos, e nos lembrou no século XIX NIETZSCHE.

Também já mais para o fim do renascimento, surge aquele que se tornou o mais conhecido de seus mártires, GIORDANO BRUNO, que pretendeu realizar a utopia do conhecimento universal, sem desprezar a importância do que então se condenava como magia, e tinha muito do que veio a se tornar a ciência moderna. Ordenado sacerdote em 1572, em Nápoles, largou o hábito e fugiu para Roma, ao ser acusado de matar um coirmão, de lá seguindo para Genebra, onde se converte ao calvinismo para ser deixado em paz. Mas seu espírito inquieto logo o pôs novamente na estrada, levando-o a Toulouse, depois Paris, onde frequenta a corte de Henrique III, donde segue em 1583 para a Inglaterra, sendo recebido na corte da Rainha Elizabeth I, que muito o impressionou, e de lá foi lecionar na Universidade de Oxford, de onde foi expulso, acusado de plagiar MARCÍLIO FICINO. Daí segue com sua peregrinação, passando, sucessivamente, por Wittenberg, a cidade de LUTERO, Praga, Helmstadt, e Frankfurt, na Alemanha, Zurique e finalmente Veneza, para onde se encorajou a ir animado pelo convite de um nobre, GIOVANNI MORCENIGO, a quem termina por irritar, com seu gênio antipático e arrogante, levando a que o denunciasse ao Santo Ofício. Daí permaneceu sete anos preso, sofrendo dois processos, um na própria Veneza e o definitivo, em Roma, donde sai condenado à fogueira, por predicar doutrinas heréticas das quais nunca abjurou, tais como a existência de infinitos mundos (como, aliás, já se encontra em GUILHERME DE OCKHAM, que foi ainda mais longe, levantando a hipótese de que em cada um desses mundos haveria um Deus que lhe correspondia) e a infinitude do universo e o seu caráter de ser vivo, o chamado hilozoísmo, sendo essa vida o próprio Deus, que se encontra em cada coisa, estando em todas imanente, mas sem se esgotar em nenhuma delas, ou seja, permanecendo transcendente, em processo contínuo e infinito de transformação, que passa do inferior para o superior, e deste para aquele. Como se nota foi bastante influenciado por NICOLAU DE CUSA, mas também pelo gnosticismo mágico-hermético; pioneiro na aceitação da concepção heliocêntrica de COPÉRNICO (1473 – 1543), adota também a ideia exposta por PLATÃO em seu

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

diálogo *Timaios* (Timeu), de que existe uma alma do mundo (*anima mundi*), em que está presente o Intelecto universal, ou seja, que pensa. Consta que já na fogueira, tendo recusado o Crucifixo, do qual desviou o olhar antes de morrer, viu um senhora bastante idosa, que se esforçava em lançar mais lenha à sua fogueira, a quem teria dito suas últimas palavras, talvez recordando-se de NICOLAU DE CUSA: “santa ignorância”.

A última das grandes figuras de pensadores renascentistas é tida como TOMÁS (ou TOMASO) CAMPANELLA (1568 – 1639), sendo também um “utopista”. Sua tentativa de fundir metafísica, teologia, magia e utopia, tão bem expressa em sua obra máxima, “A Cidade do Sol” (1602), inspirada na montanha do livro do purgatório, da “Divina Comédia” de DANTE ALIGHIERI (1265 – 1321), sem dúvida o maior poeta-filósofo precursor do humanismo renascentista. CAMPANELLA sofreu diversos processos e longos anos de prisão, praticamente metade de sua vida, por conta de suas ideias, tendo escapado do mesmo destino de GIORDANO BRUNO por ter-se fingido de louco. Dentre elas, merece destaque aquelas de cunho didático-pedagógico, que repercutirão no pensamento do primeiro a redigir um tratado sistemático de pedagogia, JOÃO AMÓS COMÊNIO (1592 – 1670), a *Didactica Magna*, com base na ideia de que o homem tem necessidade de ser formado para se tornar homem.¹⁰

A partir de 1634, CAMPANELLA viveu momentos de glória, em Paris, sob a proteção do Rei Luís XIII e do poderosíssimo Cardeal Richelieu. Mas o seu tempo havia passado. A cena intelectual e a vanguarda das ideias, ditas modernas, já estava dominada por DESCARTES, em que pese em sua *Metafísica*, redigida em Paris, CAMPANELLA antecipasse os argumentos cartesianos do *Discurso do Método*, que é de 1637, sobre como superar o ceticismo, a dúvida de tudo, com base na autoconsciência, quando visitado por MERSENNE (1588 – 1648), que apesar de teólogo era um dos apóstolos do novo espírito científico propalado por DESCARTES, a conclusão registrada em carta a DESCARTES foi a de que “(...) ele não pode nos ensinar nada em matéria de ciência”. Mesmo assim, MERSENNE propôs a

¹⁰ Cf. OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. A ciência nas utopias de Campanella, Bacon, Comenius, e Glanvill. *Kriterion*, vol. 43, n. 106, 2002, pp. 42 - 59. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2002000200004>.

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

DESCARTES receber a visita de CAMPANELLA onde se encontrava, na Holanda, ao que recebeu como resposta uma negativa, respondendo, de maneira ambígua, que tudo o que sabia dele já era suficiente para fazê-lo desejar nada mais saber. E assim, com essa demonstração de arrogância, damos por encerrado o período renascentista, e iniciada a modernidade, em sua trajetória hoje já bem conhecida em direção ao impasse civilizacional em que nos encontramos.

REFERÊNCIAS

BOÉTIE, Etienne de la. **Discurso da Servidão Voluntária**, trad. Manuel J. Gomes, Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/boetie.html>.

DUARTE, André. “**Heidegger e Foucault, críticos da modernidade**: humanismo, técnica e biopolítica”. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 29(2): 95-114, 2006. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/trans/v29n2/v29n2a08>.

FILGUEIRAS FERREIRA, Danilo. “Guilherme de Ockham e a invenção do indivíduo: bases para um entendimento do nominalismo ockhamista”, **Revista eletrônica Sapere Aude**, vol. 10, 2014. Disponível em <http://www.revistasapereade.org/index.php/edicoes/anos-anteriores/ano-2-vol-1-12/ano-2-volume-10-maio-2014/send/69-05-2014-ano-2-volume-10/106-guilherme-de-ockham-e-a-invencao-do-individuo-bases-para-um-entendimento-do-nominalismo-ockhamista>.

GUERRA FILHO, Willis Santiago. “Epistemologia e Jusfilosofia em Guilherme de Ockham”. In: **Repensando o Direito**. Estudos em Homenagem ao Prof. Cláudio De Cicco. São Paulo: RT, 2010.

GUERRA FILHO, Willis S. *et al.*, **Teoria Política do Direito**, 2ª. ed., São Paulo: RT, 2013.

LYRA, Sonia Regina. **Nicolau de Cusa**: Visão de Deus e Teoria do Conhecimento. Doutorado em Ciências da Religião, São Paulo: PUCSP, 2010.

MASSAUÍ Guilherme Camargo. “Dignidade Humana e Marsilio Ficino: a perspectiva do Renascimento”. **Revista Direitos Humanos e Democracia**, Ijuí: Editora Unijuí, ano 2, n. 3, jan./jun., 2014 Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direito da Unijuí. Disponível em <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/direitoshumanosedemocracia>.

Personalidade Acadêmica Homenageada:

Ivan Dias da Motta (Universidade Estadual de Maringá – UEM)

NASCIMENTO, Sidnei Francisco do. “Erasmus e Lutero: o livre arbítrio da vontade humana”. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba: PUCPR, vol. 18, n. 23, 2006. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/8600>.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. A ciência nas utopias de Campanella, Bacon, Comenius, e Glanvill. **Kriterion**, vol. 43, n. 106, 2002, pp. 42 - 59. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2002000200004>.

PHÉLIPPEAU, Marie-Claire. “Thomas Morus e a abertura humanista”, trad. Emerson Tin. **MORUS – Utopia e Renascimento**, vol. 9, 2013.

ROCHA, Gabriel Kafure da. “A filosofia da Astrologia: Uma investigação entre Pico della Mirandola e Bachelard”. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental da universidade Federal do Rio Grande (FURG)**, v. 33, n.1, p. 95-111, jan./abr., 2016.

SILVA, Lucas Trindade; PARANÁ, Edemilson; PIMENTA, Alexandre Marinho. “A atualidade do anti-humanismo teórico: Luhmann e Althusser frente à problemática da diferenciação/integração social”, **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, vol. 22, n. 1, 2017. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/31941>.